

A CORTE DO NORTE, DE AGUSTINA BESSA-LUÍS,

OU O ROMANCE DA SAUDADE*

ELSA PEREIRA**

epereira@net.sapo.pt

Uma estética do inacabado

Numa conferência proferida em Outubro de 1983, intitulada “*Menina e Moça e a Teoria do Inacabado*”, Agustina Bessa-Luís aproximava a novela de Bernardim Ribeiro aos frescos pintados por Miguel Ângelo na Capela Sistina, através daquilo que então designou como *o discurso do inacabado*:

O estilo inacabado foi tema de discussão na escola florentina. Miguel Ângelo introduziu pela primeira vez na sua composição esse estilo que reflecte o sentimento da alma como tragédia cósmica. [...] A novela de Bernardim, tal como a obra da Sixtina, não pode ser lida como história moral – é uma tragédia cósmica. Acidentes,

* Trabalho originalmente apresentado ao seminário “O Romance Histórico Português dos Séculos XIX e XX” do Curso Integrado de Estudos Pós-graduados em Literaturas Românicas (FLUP, 2004).

** Estudante de doutoramento; membro do Núcleo de Estudos Literários – Texto, Crítica, Mentalidades.

diálogos, presenças mudas, tempo e paisagem, tudo está sujeito a uma rotação sem desenlace e que é o discurso do inacabado.¹

Apoiando-se na análise do estilo *non finito*, comum a ambas as obras, a escritora prossegue as suas considerações, relacionando essa obsessão pelo inacabado com um sentimento português de saudade² que, ainda segundo a autora, caracterizaria a angústia ontológica de todo o acto criador:

em Bernardim, é a saudade o que atrasa a própria salvação, tema obsessivo do inacabado. [...] Só o que é incompleto aprofunda a noção de nos encontrarmos cativos dentro do próprio acto criador.³

Parece ser ainda como um prolongamento desta reflexão em torno da saudade e da angústia criadora que deveremos ler *A Corte do Norte*:

O que trata este livro é o sentimento insular que se instaura no uso da saudade, como algo que tudo invade e imobiliza. Como uma forma civilizadora e, no entanto, precária.⁴

¹ Agustina Bessa-Luís, “Menina e Moça’ e a Teoria do Inacabado”, in *Contemplação Carinhosa da Angústia*, sel. e introd. de Pedro Mexia; Lisboa, Guimarães Editores, 2000, p. 82.

² Idem, *ibidem*, p. 86: “O próprio título da segunda edição de *Menina e Moça – Saudades* – e que possivelmente constaria do manuscrito, é a expressão do *non finito*. *Saudade* não é propriamente um sentimento pela perda do objecto amado, seja terra, tempo ou pessoa. É a sugestão cosmológica de que a natureza se compõe duma vida confusa; uma espécie de primitiva desordem que só no indistinto se pode assinalar como objecto”.

³ Idem, *ibidem*, p. 83.

⁴ Agustina Bessa-Luís, *A Corte do Norte: Romance*, 2.^a ed., Lisboa, Guimarães Editores, 1996, p. 15. A partir de agora, a identificação das citações desta obra consistirá apenas na indicação do número de página.

Não será, aliás, por acaso que este romance abre, precisamente, com os versos que o trovador João Gomes da Ilha glosou em torno do tema:

Da lembrança do passado
com desejo de futuro
em o tear cuidado
se tece mui restorçado
terçopelo verde escuro (p. 9).

Como lembra o narrador, “esta é a primeira definição de saudade de que a ilha gasta há séculos” e “para entender este romance é preciso entender a linguagem nobre que foi prelúdio de poesia mística castelhana. Mas que nos portugueses se chamou «aquele cuidado esquivo/ que não dá mais que sofrer/ ao coração cativo,/ no qual eu morrendo vivo,/ em grado de bem querer»” (p. 9).

Agustina parece propor, também aqui, uma *estética do inacabado*, contrária às certezas de qualquer conhecimento definitivo acerca dos meandros da História e suas personagens, pois também elas permanecem inacabadas, suspensas no mistério da sua saudade.

A Corte do Norte é a história da permanência de um enigma, instaurado pelo súbito desaparecimento de Rosalina de Sousa, baronesa de Madalena do Mar; um mistério que ficará a pairar sobre uma pequena povoação da ilha da Madeira (a Corte do Norte) e cuja decifração exercerá um irresistível poder de sedução sobre os membros do clã, ao longo de cinco gerações. Como demonstra Elisabeth Wesseling, a descoberta dos segredos do Passado impõe-se à afirmação da nossa existência presente⁵ e, “enquanto o conteúdo mítico de Rosalina não

⁵ Elisabeth Wesseling, *Writing History as a Prophet – Postmodernist Innovations of the Historical Novel*, Amsterdam / Filadélfia, John Benjamin’s Publishing Company, 1991, max. p. 121: “the retrieval of the past satisfies personal needs”.

fosse liquidado, não se criariam condições para que uma pessoa tivesse expressão própria” (p. 214).

Adivinha-se, por isso, uma *trama* sem fim à vista e sobre a qual se escreverá, a poucas páginas do fecho:

O epílogo desta história não se há-de escrever nunca (p. 271).

Quase todos os estudos desenvolvidos em torno dos romances de Agustina Bessa-Luís dão conta de uma certa dificuldade em designá-los como tal, na medida em que, embora haja uma *acção*, dificilmente se poderá falar aqui de uma *intriga* propriamente dita, pois “para além da sucessividade e do conseqüente enquadramento temporal dos eventos, esta última implica duas características específicas: a tendência para apresentar os eventos de forma encadeada [...] e o facto de tais eventos se encaminharem para um desenlace”⁶, o que manifestamente não acontece nesta escrita, marcada sobretudo por processos como “a repetição e a visão directa e imediata, o método cinematográfico do ‘flash-back’, e a prospectiva implícita”⁷.

Neste romance em particular, o motivo iterativo corresponde à cena do desaparecimento da protagonista, cuja primeira ocorrência aparece inesperadamente, logo no final do primeiro capítulo. A partir de aí, ela será infatigavelmente glosada, numa insistente sugestão de indefinido e inacabado, através das múltiplas perspectivas que são trazidas a lume, ao longo de cinco gerações. Como sugere Eduardo Lourenço, “é caso para evocar a sempre jovem aventura de Penélope. Bessa-Luís vai tecendo com uma mão o que destece com a outra.

⁶ Carlos Reis; Ana Cristina Lopes, *Dicionário de Narratologia*, 7.^a ed., Coimbra, Almedina, 2000, p. 206.

⁷ Manuel Antunes, *Legómena: Textos e Teoria e Crítica Literária*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987, p. 461.

Nada parece guiá-la, na aparência, senão uma fidelidade sonâmbula à vontade de desfiar por sua própria conta um fantástico rosário de ‘relações humanas’, tornadas em suas mãos como elementos de um ‘puzzle’ variável ao infinito”⁸.

Ao estruturarem-se em torno de uma mesma cena-chave, glosada obsessivamente até à exaustão, os romances de Agustina aproximaram-se assim, como notaram já alguns ensaístas, à figura de uma espiral, que, de rotação em rotação, se vê paradoxalmente alargada e esvaziada, até ao seu quase desaparecimento. E é precisamente este movimento salomónico da narrativa, que abandona a linearidade cronológica para se colocar à mercê de sucessivas analepses e prolepses, uma das características essenciais da sua escrita.

Logo no início de *A Corte do Norte*, o narrador começa por nos situar no território da Madeira, durante o período de convalescença que a Imperatriz Elisabeth de Áustria (Sissi) passou no Funchal; ou seja, o Inverno de 1860-61. A referência temporal instaura, deste modo, no romance um tempo histórico, mas essa referencialidade será assimilada, aos poucos, por uma força psicológica avassaladora, não tardando o esclarecimento:

Mas este não é um romance da formosa Imperatriz, nem a história das suas vicissitudes clínicas ou familiares. [...] O que trata este livro é o sentimento insular que se instaura no uso da saudade, como algo que tudo invade e imobiliza. [...] Este livro trata do trajecto moral de Rosalina de Sousa, senhora do Funchal e que foi baronesa de Madalena do Mar (pp. 14-15).

⁸ Eduardo Lourenço, “Des-concertante Agustina: a propósito de Os Quatro Rios” in *O Tempo e o Modo*, n.º 22, [s.l.], [s.n.], 1964, p. 112.

É, por isso, com certa perturbação que, ainda no primeiro capítulo, recebemos o anúncio da morte da protagonista, ao qual o narrador acrescenta, com alguma ironia:

Rosalina morreu passado pouco tempo, de desastre, despenhando-se das falésias no mar [...]. A história parece terminar aqui, uma vez que nos propusemos ser a história de Rosalina. Mas aqui começa apenas o enigma e os seus ornamentos (p. 33).

312

Na verdade, apesar de a versão oficial apontar para o facto de se ter despenhado das falésias, “quando andava à caça de pombos bravos” (p. 56), a verdade é que o facto de o corpo de Boal (nome por que também era conhecida Rosalina⁹) nunca ter sido encontrado alimentará o seu mistério, ao longo de várias gerações¹⁰, cada uma das quais reescrevendo a história à sua maneira:

O que era enigmático em Boal, para seu filho Francisco [...] não era a mesma coisa para Águeda, uma geração depois. [...] Mas passados mais de trinta anos, quando João, filho de Alice e de Tristão, chegou à Corte do Norte [...] podia derrubar a perspectiva de Boal que as outras gerações tinham produzido, só com animá-la com a sua linguagem (pp. 145, 147).

Assim, se para Lopo, um dos filhos de Rosalina, “Boal não existia mais” (p. 71), para o seu irmão Francisco, “o enigma manteve-se toda

⁹ O. c., p. 45: “Com o costume de porem a todos um nome de guerra, chamavam-lhe a «Boal de Cheiro», porque é uma casta de uva também conhecida por «marota». Não querendo afrontar a família ou Rosalina em pessoa, tomavam esse atalho da inconveniência. Boal era a alcunha por que era conhecida; Rosalina chegou a assinar cartas assim, e não estava longe de o nome ser absorvido no registo das baronesas de Madalena do Mar”.

¹⁰ Vd. esquema anexo.

a vida” (p. 74) e, mesmo depois de “um verdadeiro empenho em conhecer os segredos da mãe” (p. 65),

ela continuava tão encoberta e desaparecida como antes. Mas uma coisa, ao menos, averiguou: que Rosalina invadira o território dos homens até aí vedado às mulheres e que, durante muitos anos, lhes havia de continuar fechado – o território da noite (p. 68).

Também os filhos de Lopo, Tristão das Damas e Águeda, seguiram “o que parecia ser a sina da família: o cair em agrado por coisas antigas e memórias assombradas” (p. 95), chegando mesmo a aventar a hipótese de “que Boal não desapareceu no mar e que alguém a matou com um pau de barbusano e a meteu numa cova, no chão da capela [...] do Sanha” (p. 97). A verdade, porém, é que, “excepto algumas cartas, Águeda não descobriu nada de novo quanto a Rosalina” (p. 97).

De modo semelhante ainda, o filho de Tristão das Damas,

como tinha acontecido uma vez pelo menos em cada geração, experimentou uma estranha vontade de decifrar o mistério do seu desaparecimento. Enquanto se entregava às obrigações de contabilista [...], fazia certas pausas em que deixava voar a imaginação até à Corte do Norte [...]. Através das achegas do seu ficheiro chegou à conclusão de que Rosalina não podia ter desaparecido nas covas da costa, muito batidas pela água, que em pouco tempo, faria boiar o cadáver (pp. 118-119).

No curso das suas pesquisas, encontra

o diário de uma senhora escocesa, de nome Maggie O’Sea, e que era o fiel retrato dumas longas férias na Madeira. Mas o pormenor que mais o surpreendeu foi o de o texto ser acompanhado de umas aguarelas [...] exactamente iguais às que vira no álbum pertencente a Mary Cossart e às que ela própria dera a Boal enquanto a sua amizade durou (p. 119).

Este achado leva mesmo João de Barros a pôr “a hipótese de Rosalina ter seguido a Imperatriz para Veneza, com um nome suposto ou tomando a identidade duma das suas damas” (p. 123), ao que a descoberta de uma carta da irmã Rolland (endereçada à *senhora* da casa da Corte do Norte – p. 159) e de um bilhete do Conde de Carvalhal (“com umas palavras de agradecimento, dirigidas à *baronesa*” – p. 160), ambos datados de 1879, levará o neto de Rosalina a reforçar ainda mais a hipótese da sobrevivência de Boal, dezassete anos depois do seu desaparecimento.

Entretanto, outras versões vão-se insinuando, com mais ou menos credibilidade:

não havia jeitos de ela ter embarcado num pequeno bote, a menos que depois tomasse passagem clandestina para qualquer porto, Southampton, por exemplo (p. 119);

Os curandeiros e bruxos [...] disseram que ela se perdera no Monte Medonho (p. 134);

Sofrera qualquer acidente, talvez morresse em consequência disso, duma gangrena que se declarou depois de ter partido uma perna numa queda que dera. Ou o mais natural, e de acordo com o seu tipo, é que tivesse ficado desfigurada, ou inválida, e se fechasse em casa e deixasse de ser vista (p. 150).

Uma geração depois, é a vez de a filha de João de Barros, Rosamund, experimentar o fascínio avassalador pela figura da bisavó, pelo que, reparando, certo dia, nas “falésias negras onde Rosalina se precipitara”, decide escalá-las, em busca de alguma pista que iluminasse o mistério de Boal. Ao verificar que as paredes da falésia assumiam, em determinado ponto, uma tonalidade encarnada,

lembrou-se de que algumas mulheres da sua família, quando estavam grávidas, sentiam náuseas ao ver a cor vermelha. Teria Boal sucumbido a umaoura e caído desamparada, quando em situações normais aquela situação não a embaraçava? Estaria portanto grávida, o que, com a crise matrimonial que atravessava, punha em causa a criança ser legítima ou não. Gaspar de Barros, encontrando o corpo, teria procedido ao seu enterramento rápido e em segredo, para evitar a autópsia ou qualquer espécie de indiscrição médica (p. 186).

O percurso da investigação fecha-se, todavia, com Gramina Serena, uma das filhas de Rosamund, que decide pesquisar no ficheiro do avô:

Mais uma vez se efectuou uma devassa de família e Rosalina foi exumada do túmulo, que nem sequer tinha inscrição nem lugar. [...] Boal tinha simplesmente desaparecido no ar, nas falésias, ou no largo mar, por efeito dos foliões do vento. Dela, não havia propriamente uma história. Apenas, aqui e ali, um indício; uma carta, uma data, a memória vã das pessoas (p. 260).

Depois de muita perseverança, “teve uma recompensa quando um dos sírios [...] lhe mostrou um contador indiano e lhe assegurou que era de Rosalina” (p. 261). No seu interior, encontra um bilhete de teatro que, depois de várias considerações, a leva a concluir que era “Boal, ela própria, uma actriz, e passava períodos muito longos fora da ilha, por razão dos seus contratos” (p. 263):

Se Rosalina teve de facto duas identidades, de maneira que não foi possível distingui-las, então Rosalina foi a actriz Emília de Sousa [...] Eram a mesma pessoa, e muita gente sabia isso e fingira liquidar o assunto com uma espécie de cumplicidade tutelar, mentindo (pp. 54, 149).

A História faz-se, pois, com a escrita, que não tem fim, mas apenas perspectivas e constrói, por isso, um universo romanesco inesgotável¹¹. Maria Alzira Seixo chama mesmo a atenção para o facto de os romances de Agustina serem eminentemente inconclusivos, sugerindo com isso “uma espécie de conclusão da impossibilidade de concluir”¹², e na verdade, como afirma o próprio narrador, “o epílogo desta história não se há-de escrever nunca” (p. 271), tal como nunca se obterão conclusões definitivas acerca da História e das suas narrativas. Por isso, no final, a ideia que ganha maior consistência é a de que a morte de Rosalina não passaria, afinal, de “uma proposta de linguagem”; isto é, “uma forma de expressão” (p. 241).

Os limites da interpretação e o clima psicanalítico

Embora Aristóteles afirmasse, no capítulo IX da *Poética*, que o historiador dava conta do que realmente acontecera (por oposição ao poeta, que narrava o que poderia ter acontecido¹³), cedo se tornou evidente a impossibilidade de conhecer *o real*. Já em 1641, René Des-

¹¹ Vd. Maria de Fátima Marinho, *O Romance Histórico em Portugal*, Porto, Campo das Letras, 1999, p. 261: “o percurso deste romance parece prefigurar as várias leituras que se podem fazer da História, justificando implicitamente as novas teorias do romance histórico, na medida em que, longe de reconstruir o passado, na crença de que ele é uno e estático, se abrem perspectivas que cada geração actualiza e completa”.

¹² Maria Alzira Seixo, *Para um Estudo da Expressão do Tempo no Romance Português Contemporâneo*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987, p. 104.

¹³ Aristóteles, *Poética*, trad., pref. e notas de Eudoro de Sousa; 5.^a ed., Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998, p. 115: “não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verosimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem verso ou prosa [...] – diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder”.

cartes duvidava, nas suas *Meditações*, se a *realidade* de facto existiria, colocando mesmo a hipótese de todas as nossas ideias acerca do mundo não passarem, afinal, de uma enorme ilusão.

Mais tarde, em pleno século XX, Ludwig Wittgenstein viria reabrir, com o *Tratado Lógico-Filosófico*, a brecha existente entre língua e realidade, demonstrando que, tal como não existe uma única língua, também não podia existir uma única *verdade*, coexistindo, pelo contrário, uma pluralidade de realidades, ao mesmo tempo¹⁴. Não será, por isso, de estranhar que um dos mais aplicados decifreadores do mistério de Boal, João de Barros, se entusiasme a ler um livro deste filósofo (p. 205), chegando inclusivamente a afirmar que “um facto é tanto mais facto quanto mais se pode variar a sua composição; assim como uma lei é tanto mais lei, quanto mais se pode transgredir” (p. 134).

Um pouco à semelhança de Robert Musil, também aqui representar algo significa representar as suas relações com cem outras coisas diferentes¹⁵ e é precisamente esta exploração incessante dos factos que constitui um dos traços mais característicos, na escrita de Agustina Bessa-Luís. À luz das novas tendências criativas do romance pós-moderno, a autora não pretende apenas valer-se da matéria histórica para construir o seu universo ficcional. Propõe-nos, antes, uma nova forma de encarar o Passado, buscando-lhe um sentido múltiplo, prenhe de infinitas possibilidades. Devido à indissociabilidade existente entre o

¹⁴ Esta tese da relação volúvel entre língua e realidade é também defendida por diversos filósofos e historiadores pós-modernos, de Richard Rorty a Hayden White, entre outros. A este propósito, vd. e. g. Hayden White, *The Content of the Form – Narrative Discourse and Historical Representation*, London, The John Hopkins University Press, 1987, p. 206: “it is possible, of course, to read any text as a meditation, more or less explicit, on the impossibility of representation [...] just by the virtue of the fact that any text attempting to grasp any reality through the medium of language [...] raises the spectre of the impossibility of the task undertaken”.

¹⁵ Vd. Robert Musil, *Ensayos y Conferencias*, Madrid, Visor, 1992, max. p. 15.

real e a percepção humana, qualquer personagem podia, assim, “derubar a perspectiva de Boal que outras gerações tinham produzido, só com animá-la com a sua linguagem” (p. 147).

Curiosamente, o principal decifrador do enigma da Corte do Norte, tendo proferido uma série de palestras sobre os mais variados temas, confessa que “o único assunto que ele gostaria de tratar era o da interpretação; mas não tinha público para ele, nem vontade de [...] divulgar por escrito” (p. 155) a descoberta que alcançara com as suas investigações: o facto de qualquer relato, estando erigido sobre linguagem, se resumir, afinal, a mera *interpretação*, com toda a carga de subjectividade normalmente associada a este termo¹⁶:

Rosalina, praticamente sujeita à interpretação de três gerações, qual fora o seu trajecto? Morta por acidente enquanto colhia ovos dos pombos do mar, ou vítima de cólera e enterrada em segredo na capela dos Sanha? Ou então fugida na comitiva da Imperatriz e seguindo-a fielmente nas suas excursões, envelhecendo juntas ao longo de uma história de vedetismo errante? (p. 149).

A vida da baronesa de Madalena do Mar identifica-se portanto com a própria História, pois nem uma nem outra se podem traduzir “sem a ajuda tenaz do símbolo” (que etimologicamente significa nada menos do que aquilo que lança a união...), e só este permite compreender aquela, apagando os factos, as provas ou as certezas incontestáveis, para os reconfigurar depois numa verdade mais autêntica, já que “o

¹⁶ Cf. Wenche Ommundsen, *Metafictions?*, Melbourne, Melbourne University Press, 1993, p. 53: “history is interpretation, the past and the present are ideologically constructed according to the interests of particular individuals or groups”. Esta tendência para a relativização das verdades históricas tem sido associada à chamada *viragem pós-colonial* das ciências humanas, com o conceito de realidade cada vez mais dependente de perspectivas ou pontos de vista.

retrato mais fielmente traçado sofre da falta do essencial que capta o objecto no fundo da sua relação com os outros” (p. 146).

Coincidindo enfim com as mais perturbadoras teses da escola desconstrutivista, a estratégia narrativa empreendida por Agustina Bessa-Luís assenta portanto na particularidade de um projecto hermenêutico que alguns autores relacionaram com a arte retórica do Barroco, pela sua aproximação aos mecanismos instauradores do jogo, pois tal como a linguagem, também este se abre à multiplicação das hipóteses interpretativas¹⁷. Não será, por isso, indiferente que a figura do jogador seja tão recorrente, ao longo deste *romance dos possíveis*, unindo, numa mesma liga de afinidades lúdicas, personagens como João Sanha, Águeda, João de Barros ou Tristão das Damas (para quem afinal “as damas eram um harém de cinquenta e duas cartas” – p. 104).

E é então ao esgrimir-se entre o constante desafio de inventar novas jogadas superadoras e a necessidade de obedecer às regras que norteiam o duelo que ele participa de um misto de desejo e fracasso, que a teoria psicanalítica cristalizou no conceito de *castração*:

Cada uma das cartas, cada um dos nomes que descrevem o jogo no seu laconismo, designam as forças que mantêm em movimento o mundo e a luta do homem. Por isso a sua paixão, condensada como um explosivo numa cápsula, é incomparável. Qual o desejo [...] que se compare a um pequeno movimento que abandona ou inventa a tentação da jogada? [...] Perder renovava o desejo e espo-

¹⁷ A este respeito, vd. como também Wittgenstein (*Tratado Lógico-filosófico: Investigações Filosóficas*, trad. M. S. Lourenço, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, pp. 227-236) escolhe precisamente o conceito de jogo para analisar as lacunas inerentes a toda a definição, ou ainda como Schiller identifica toda a Arte com a manifestação de uma *Spieltrieb* ou pulsão lúdica que “tenderia para suprimir o tempo no tempo, para conciliar o dever com o ser absoluto, a mudança com a identidade” (Schiller, “Carta 14”, in AA.VV., *Literatura Alemã: Textos e Contextos 1700-1900*, sel., trad. e notas de João Barrento; vol. I, Lisboa, Editorial Presença, 1989, p. 192).

reava a aliança com o parceiro, espécie de Eros combatente, cujas asas estavam desdobradas em forma de leque, e que continham todas as ofertas do mundo (p. 104).

Sintomaticamente aliás, é este um dos conceitos mais insistentemente repetidos ao longo da obra, tanto pela presença constante do jogador, como ainda pela convocação recorrente do episódio de Judite e Holofernes¹⁸, aqui representado num dos quadros pendurados nas paredes da casa Cossart. E se o primeiro se debatia numa tensão entre o desejo de novos lances e o constrangimento das leis a que estava obrigado, a figura de Holofernes corresponde à satisfação libidinosa de uma luxúria embriagante que só a mulher, “casta e abnegada, mas por isso mesmo ainda mais imperativa e mais irrevogável” (p. 104), poderia contrariar:

Ela não lhe perdoava a saciedade; não lhe perdoava estar desprevenido na sua pobre luxúria cuja ponte Judite ia cortar para sempre, deixando-o no lugar que pertencia de facto às pessoas saciadas – a morte (p. 105).

A tela que tanto prendera a atenção de Rosalina, gorando provocar-lhe uma impressão indelével, remete assim para uma das noções fundamentais da psicanálise freudiana: a castração e o exercício de uma violência elementar, que nunca é alheia ao erotismo¹⁹:

¹⁸ O episódio de Judite e Holofernes (Jdt., 7-15) pertence a um dos livros apócrifos do Antigo Testamento – o livro de Judite – e narra a história de uma bela viúva de Israel que, durante o cerco da cidade de Betúlia, decide apresentar-se ao comandante dos Assírios e, depois de um banquete em que todos se deixam vencer pelo vinho, corta a cabeça de Holofernes e trá-la para a sua cidade, conseguindo, deste modo, a libertação de Betúlia.

¹⁹ Georges Bataille, *O Erotismo*, trad. de João Bénard da Costa; Lisboa, Antígona, 1996, max. p. 15: “a sensação duma violência elementar [...] anima, sejam eles quais forem, os movimentos do erotismo”.

A Judite. Era neste ponto que Emília e Rosalina se encontravam como num passeio de barco. [...] Ambas se aliavam naquele desejo sem esperança que o crime desplumava como uma ave morta. Todas as ilusões do mundo caíam no momento em que a criada recolhia a cabeça decepada do herói filisteu. Era a degolação presumida no acto castrador. E havia um dó sinistro no olhar de Judite, para sempre destinada à ascese, liberta por fim da carícia que fertiliza e alimenta a terra dos homens (p. 53).

De resto, poderíamos dizer que parece insinuar-se, ao longo de *A Corte do Norte*, a encenação de um insistente clima psicanalítico. A ilha da Madeira, transformada em palco de sentimentos como a saudade, a melancolia ou a insularidade depressiva, assume-se como cenário privilegiado para a emergência do duplo, patente não só no desdobramento esquizofrénico de um António José Lago, como ainda na própria fragmentação da personalidade de Rosalina, desencadeada pela visão perturbadora da imperatriz Sissi:

a vida transformou-se extraordinariamente. Saiu quase de repente para a Corte do Norte [...] e não foi acompanhada nem pelos filhos, nem pelo marido. [...] Agora tratava-se doutra pessoa. Sua sogra dizia também que a tinham trocado (pp. 33, 38).

Não admira por isso que uma das teses fulcrais deste romance se prenda com a própria questão da identidade. Rosalina é tão parecida com Elisabeth de Áustria que “às vezes não se sabia se era a Imperatriz quem passava no centro da cidade [...] ou se era Rosalina, que a imitava a ponto de levar o conde de Carvalhal à mais completa confusão” (p. 32). Por outro lado, também a mulher de João Sanha, Emília de Sousa, se assemelha extraordinariamente a Boal, chegando mesmo a afirmar-se que “se Rosalina teve de facto duas identidades, de maneira que não foi possível distingui-las, então Rosalina foi a actriz Emília de Sousa” (p. 54). Isto para além de Águeda ser “como a

avó, fina de talhe, branca como a flor da magnólia e, como ela, com a expressão recatada e sombria” (p. 96). À semelhança do que acontece com Ralh Pendrel, em *The Sense of the Past*, de Henry James, os descendentes de Boal sentem pois uma profunda identificação com a sua progenitora, chegando mesmo a estabelecer-se uma espécie de osmose perfeita entre Rosalina e a filha de João de Barros:

E, de repente, [...] passou-se com Rosamund um fenómeno curioso. Tornou-se igual a Rosalina e, sem a ter conhecido, tinha a noção de que ela reagia tal como Rosamund em todas as situações da vida (p. 173).

E no entanto, o facto de vigorar, em *A Corte do Norte*, uma densa atmosfera psicanalítica não impede que se insinue também, neste mesmo romance, uma série de reservas, em relação aos postulados de Sigmund Freud, nomeadamente a crença inabalável no *mito da interpretação* e seu absoluto domínio sobre os meandros do inconsciente²⁰:

Era isso o que acontecia ao centro europeu, à sua cultura vítima de obsessão. A acção era um mero motivo de interpretação, e as pessoas iam desempenhando esse cargo de investigar a realidade das coisas cada vez com mais afincamento e mais capacidade decifradoras. Mas isso não conduzia a nada. As palavras giravam como soldados em manobras, cercando um objecto, dando-lhe caça para proveito

²⁰ M. Viegas Abreu, “Freud”, in AA.VV., *Logos: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, n.º 2, Lisboa / São Paulo, Verbo, 1989, p. 759: “O ideal científico de Freud foi, sem dúvida, influenciado pela epistemologia positivista dominante. A sua crença no ‘determinismo universal’, como fundamento do conhecimento, é disso prova: nada do que ocorre no psiquismo é devido ao acaso, todos os fenómenos, mesmo que apareçam desprovidos de significado, insensatos ou insignificantes, têm um sentido, um factor determinante subjacente, uma causa explicativa, uma verdade camuflada por descobrir ou clarificar”.

da interpretação [...] As palavras eram os deuses modernos. Freud dera-lhes uma força incomensurável; munira-as de esporas como galos de combate, e elas eram capazes de destruir uma civilização (pp. 148-149).

Ao multiplicar as perspectivas abertas pelo exercício da imaginação, a história da baronesa de Madalena do Mar contribui assim para sublinhar, precisamente, os limites do conhecimento acerca da psique, da História e da linguagem que as traduz. Como Miguel Ângelo, “o homem, situado no seio da realidade e decidido a dominá-la, como faz com um bloco de mármore, é detido no seu orgulho por uma ressonância espiritual que se exprime pelo *non finito*”²¹.

Quem esperar conclusões mais sólidas ficará inevitavelmente decepcionado com este romance. É que nele tudo se esquiva à fixação de uma imagem final, deixando antes o leitor entregue a si próprio e à mercê desse infinito sentimento de saudade que, no final, fica ainda por esclarecer:

Quanto às saudades, continua enigmático o seu sentido, com o que persiste o axioma de que o enigma existe. Se não fosse por isto, eu diria que tudo se descobre, que não há lenço que tape um rosto morto ou vivo, nem peneira que estorve o sol.

A quem me perguntar se de facto Emília de Sousa teve a vida dupla de Rosalina, baronesa de Madalena do Mar, eu vou responder à maneira de Garrett quando, depois da estreia do *Auto de Gil Vicente*, quiseram saber se Bernardim se atirara ao mar e realmente se afogara, ao ver desaparecer a nau que levava a princesa para sempre dos seus olhos:

– Isso não é comigo. Pergunte ali ao contra-regra, que ele é que está em condições de lhe responder.

A cena é a vida, se vivemos. E as saudades tudo informam e a arte remedeiam, quando ela é pouca (pp. 273-274).

²¹ Bessa-Luís, *O .c.*, 2000, p. 91.

AS CINCO GERAÇÕES DE A CORTE DO NORTE

324

